

MARCELINO MESQUITA

Leonor Teles

COM INTRODUÇÃO DE COSTA FERREIRA



**CEM
ANOS**

de Literatura em Língua Portuguesa

Livraria Civilização Editora

*Brilhante
1983*

MARCELINO MESQUITA



Leonor Teles



**CEM
ANOS**

de Literatura em Língua Portuguesa

ASTIANZHA ONLIDOPAM



Leonor Teles



COLECÇÃO: CEM ANOS DE LITERATURA PORTUGUESA.
DIRECÇÃO LITERÁRIA DE MARIA FERNANDA C. DE BRITO.
INTRODUÇÃO DE COSTA FERREIRA.
CAPA E ARRANJO GRÁFICO DE PINTO VIEIRA.

COMPOSTO E IMPRESSO NA COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS, JANEIRO DE 1983

Leonor Teles

Leonor Teles

MARCELINO MESQUITA

Leonor Teles

PERSONAGENS

D. LEONOR TELES, Rainha de Portugal

D. MARIA TELES, irmã da Rainha

D. HELENA, filha do Conde Andeiro

D. FERNANDO I, Rei de Portugal

D. JOÃO, Mestre d'Avis

D. JOÃO DE CASTRO

D. DINIS

} Irmãos do rei

D. JOÃO FERNANDES ANDEIRO

D. LOURENÇO DA CUNHA

GIL VASQUES DE RESENDE, aio de D. Dinis

AIRES GOMES DA SILVA, aio de D. Fernando

VASCO MARTINS, alcaide do Castelo

FERNÃO VASQUES, popular

SIMÃO VELOSO, popular

UM PAJEM

1.º FIDALGO

2.º FIDALGO

Fidalgos, damas, pajens, populares, besteiros, etc.

ACTO I

Lisboa, 1371

Um salão gótico, no palácio real de Lisboa — Paço d'Apar S. Martinho — De um lado portas para os aposentos da Rainha; de outro janelas de vidros corados para a rua. Ao fundo um arco ou portão para os corredores. Na cena, uma mesa, duas cadeiras de espaldar; mochos em roda da sala. Aos lados do arco, oito argolas de ferro, fixas, para tochas. É ao anoitecer.

CENA I

D. DINIS e GIL

(Ao levantar do pano D. Dinis passeia agitado. Gil espreita para a rua onde se eleva rumor.)

GIL

Sois vós que revoltais assim a população?

D. DINIS

Quem, eu? Não digais tal.

GIL

Fazei-me então a graça,
De me dizer quem é que incita os mesteirais
A mostrarem na cinta os cabos dos punhais?
Quem leva a multidão que engrossa a cada instante,
A olhar para o paço altiva e provocante?
É a revolta surda o que essa rua agita:
Anda o bulhão oculto, a frase é, baixo, dita,
Incerto o passo e o olhar... Não tendes percebido?

D. DINIS

Já percebi.

GIL

Ah! Já? E andais desprevenido,
Jogando loucamente a vida!?

D. DINIS

Meu bom velho,
É tarde para ouvir, agora, o teu conselho.

GIL

Não é tarde, por Deus, e haveis de ouvi-lo.

D. DINIS

Inútil.
Está combinado o assalto e... tudo mais é fútil.

GIL

Vão assaltar o paço?

D. DINIS

Daqui a breve instante,
Para obrigar o rei a abandonar a amante.

GIL

Estão loucos! Vós entraís, também, na revolução?

D. DINIS

Defendo o nome ao rei, o rei é meu irmão!

GIL

Ó príncipe, pensai que o vosso génio nobre
Pode abrir um abismo em que o valor soçobre!
Sossegai.

D. DINIS

Sossegar! Bem o dizeis, não posso!
Arrancaí-me do peito a mágoa, este alvoroço
De cólera sem nome, ao ver de como El-Rei
Infama, desprezando o alto estado, a lei,
O troço, a Afonso Quarto e a Pedro o Justiceiro!

(Pausa)

O olhar fascinador, amante, feiticeiro,
Da adúltera sem pudor acorrentou-lhe os braços!
Reino, honra, prazer, cifrou em seus abraços.
Os reis d'outras nações, ao ver a singeleza
Com que um pacto desfaz, sorriem da baixeza
Da palavra de um rei; chamam-lhe desleal,
Ingrato e traiçoeiro! O que é ele, afinal?
Palavras que soltar são todas refalsadas!
Leonor de Castela, a de Aragão, deixadas
Por uma vil cortesã que abandonou o dono,
Porque no amor do rei quase divisa um trono,
E um trono onde a ambição se possa reclinar
Vale os beijos dum filho e a mansidão do lar!
Que disse D. Henrique ao ver, mais uma vez,
Quebrar sua palavra, El-rei, um português!?

GIL

Fingiu não ver a afronta e respondeu, amável,
Que era livre, em vontade. El-Rei...

D. DINIS

Um miserável!

GIL

Falais de vosso irmão...

D. DINIS

De meu pai que falasse.

Dir-lhe-ia o meu sentir, sem medo, face a face!

GIL

Mas que quereis afinal! Que pensais concluir?
Mandar nessa mulher, ou a El-Rei coagir
A abandoná-la? Vós? Pensais que vosso irmão
Deixará seu amor, por vossa opinião?
Ignorais que lutar, quase só, sem auxílio,

É procurar, com fogo, a proscrição, o exílio?
Deve-se, contra o irmão, voltar força e conselho?

D. DINIS

Sim, deve! Foste tu que mo ensinaste, velho!
Tu, desculpando a Henrique a luta audaz e brava
Para arrancar a amante ao conde Peres de Trava!
Tu, louvando, leal, porque se revoltou
Contra seu pai, El-Rei, Afonso, meu avô,
Para esmagar o jus de altiva bastardia!
Pois pode, contra a mãe, erguer-se rebeldia,
Desfraldar o pendão ao vento das batalhas,
E é crime ir arrancar, às tenebrosas malhas
De adulterino amor, de um amor criminoso,
Um irmão que cegou?

GIL

Crime, não; é perigoso!

D. DINIS

Nas tuas lições de que fazes alarde
Jamais te ouvi dizer: pupilo, sê cobarde!

GIL

Oh! não!

D. DINIS

É um dever; já que ela, a barregã,
Repudia o marido e os rogos da irmã,
É preciso dizer bem alto a meu irmão:
Expulsa essa mulher do paço, quando não
Viremos arrancar-ta, aqui, da tua alcova,
Prà pendurar na força!

GIL

A força!

D. DINIS

Será mofa

Dar a essa senhora, ali, junto da igreja,
O mais alto lugar, lugar que ela deseja!

GIL

Mas falai devagar, aqui, dentro do paço,
Sabeis que a todo o canto existe um ouvido, um laço...

D. DINIS

Fosse esse ouvido aberto à razão que te espanta
E o laço, o destinado a apertar-lhe a garganta!

CENA II

Os Mesmos e MARIA TELES

MARIA TELES

Cavaleiros, valei-me, Príncipe...

D. DINIS

Senhora,

O que vos traz assim?

MARIA TELES

A nova aterradora.

A colisão fatal de um drama tenebroso!

João Lourenço da Cunha entrou, misterioso,

Há pouco, no meu quarto.

GIL

O marido!

D. DINIS

O que quer?

MARIA TELES

Vem buscar minha irmã.

D. DINIS

Vem buscar a mulher!

MARIA TELES

Mulher de El-Rei.

D. DINIS

D'El-Rei?

MARIA TELES

Do vosso irmão Fernando.

Ainda o não sabeis? Pois andais conspirando

Contra a rainha!

D. DINIS

Qual?

MARIA TELES

A vossa, minha irmã,

Que o é, perante Deus, desde hoje de manhã.

Se quereis saber, ouvi: era ainda noite, estava

Encostada à janela e meia-noite dava

No relógio da Sé. Uns homens embuçados

Saíram do palácio aos muros conchegados,

Pela porta que abre, em frente a S. Martinho.

Quem será? penso eu. Debruço-me, mansinho,

E se o negro da noite impede o conhecer,

Distingo a voz do rei e um riso de mulher.

Entraram na igreja, em breve, uma luz baça

Vejo tremeluzir, de esconço, na vidraça

Da janela fronteira. Então, meu pensamento,

Súbito, adivinhou secreto casamento.

Ora, indo El-Rei, ali é lícito supor

Que a dama que o seguia...

D. DINIS

A vossa irmã Leonor!

Então tem fundamento, é certo esse boato

Que corre na cidade?

MARIA TELES

É, sim, mas o recato
Maior deve guardar-se.

D. DINIS

Em quê? Um casamento
Não é válido, assim.

MARIA TELES

Mas é que, num momento,
Pode sabê-lo o esposo, e crede, se o descobre,
Despreza-a; João Lourenço é cavaleiro e é nobre!

D. DINIS

Ide-lhes então falar?

MARIA TELES

Dizer-lhe o que é passado,
Rogar a última vez! Ao sabê-lo chegado,
Ao vê-lo, é natural que se comova e esqueça
A fatal ambição que lhe perde a cabeça!

D. DINIS

Como vos enganais!

MARIA TELES

Talvez.

GIL

Ei-la.

D. DINIS

Sentido.
Saíamos.

GIL

É melhor.

MARIA TELES

Enviai-me o marido.

(Saem D. Dinis e Gil.)

CENA III

MARIA TELES e depois D. LEONOR

MARIA TELES

Tremo de lhe falar; sinto-me mal, enfim,...

(Entra D. Leonor.)

D. LEONOR

Maria.

MARIA TELES

Ja falar-te, agora mesmo!

D. LEONOR

A mim?

Dize, minha irmã.

MARIA TELES

O assunto é já sabido,

E velho; se o renovo...

D. LEONOR

É sobre meu marido.

MARIA TELES

Esse mesmo, Leonor. Sou tua irmã mais velha,

O que primeiro nasce, em lei, é o que aconselha.

Peço-te, ainda uma vez, um acto generoso,
Que salve da vergonha o nome a teu esposo
E te arranque a uma luta em que podes cair!
Tenho, em mim, o direito e o dever de vir...

D. LEONOR

O direito?

MARIA TELES

Reflecte; o direito sagrado
De zelar o teu nome há pouco desonrado,
O teu nome e o meu; o nosso, que tu vais,
Olvidando quem és, o orgulho de teus pais,
Arrastar pela lama, onde a ambição te arrasta!
Ser amante de um rei ou dum vilão...

D. LEONOR

Oh, basta!
Que pretendes de mim?

MARIA TELES

Obrigar-te a esquecer
A corte, o rei, a vida em que te apraz viver
Escandalosamente! Forçar-te a abandonar
O paço pela casa, onde tens teu lugar
Junto de teu marido! Arranca de teu peito
A fugaz ilusão de que dormir no leito
De um rei, traz sempre um diadema! O aborrecimento
Tem sempre por desfecho a cela de um convento!
Deixa de vez o falso e desonesto trilha,
Vai para teu solar, vive para teu filho!
É este o teu dever!

D. LEONOR *(irónica)*

Irmá, o meu dever
Bem melhor que tu o sei compreender
Afianço-te, eu. És boa conselheira,

Tens uma altiva voz, uma gentil maneira
De te fazeres impor, de mandar, de pedir;
Mas deves confessar que também sei ouvir!

MARIA TELES

Poupa-me o escárnio.

D. LEONOR

Ouve: eu levo a complacência
A responder, serena, à tua impertinência.
Nada existe entre mim e João Lourenço!

MARIA TELES

Nada?!

D. LEONOR

É morta, entre nós dois, toda a vida passada!

MARIA TELES

Receio perceber. Tu zombas, certamente.
Só poderia a Igreja abrir tão de repente
O laço que te prende a teu marido e é dado
Supor...

D. LEONOR

Aberto o laço? E mais: está cortado!

MARIA TELES

Não és sua mulher? Pois desfizeste a lei?

D. LEONOR

Não tenho esse poder. Foi D. Fernando, El-Rei!

MARIA TELES

Não me enganei, então, supondo que casaste
Esta noite!

D. LEONOR

Casei. Tu, confiada ousaste...

MARIA TELES

Mero acaso. Gozava a noite na janela,
Era alto o vosso rir, faltou-vos a cautela.

D. LEONOR

Estranhaste-mo, porém... querias saber ao certo...

MARIA TELES

(Aparece D. João Lourenço.)

Queria saber se o inferno era pra ti aberto!
Saber se eras capaz de acção tão negra e vil...
A fera não enjeita os filhos no covil!

(Entra D. João Lourenço.)

CENA IV

D. MARIA TELES, D. JOÃO LOURENÇO e D. LEONOR

D. JOÃO LOURENÇO

Mesmo quando o covil é áspera caverna!
Porque o amor de mãe, uma doçura eterna,
Que rebenta do peito em borbotões gigantes,
Encontra no sofrer as razões triunfantes
De uma dedicação, em que não há limite!
Senhora, repeti. É força que acredite
Que vem dum peito humano uma tão negra afronta!
Contai-me essa vergonha, a minha, tanto monta!

D. LEONOR

Acalmai-vos, senhor, e com prudência ouvi-me:
Nem sempre um grande mal supõe um grande crime.
Vim visitar Maria, El-Rei, assiduamente,
Frequentava da irmã a casa; nobremente
Me rendia homenagem, amável, lisonjeiro,
Como é uso fidalgo e lei de cavaleiro.
Esta corte aumentou, tomou vulto maior
E, num dia, a meus pés, a confessar-me o amor
Pedi-me em troca o meu...

D. JOÃO LOURENÇO

Que sórdido pedido!

Pedir a uma mulher a honra do marido!
E, vós?

D. LEONOR

Ouvi, por Deus; eu fui a malfadada
Que Deus determinou que essa paixão sagrada
Inspirasse a Fernando!

MARIA TELES

Ó céus, o que ela diz!

D. LEONOR

Para a criar, nutrir, juro que nada fiz.
Foi El-Rei que a sentiu e que a tornou ingente,
Ele só é culpado!

MARIA TELES

Ó céus, como ela mente!

D. LEONOR

Expus-lhe a situação em que iria cair!
O ir-me solicito; impede-me o partir...

D. JOÃO LOURENÇO

Não me enganais, senhora, é certo o que dissestes?
Fostes assim leal, na luta que tivestes?
Jurais?

D. LEONOR

Juro!

D. JOÃO LOURENÇO

Pois bem, eu a El-Rei me vou;
Ou fazê-lo jurar que nunca vos tocou,
Ou saber, de uma vez, de Sua Senhoria
Que lei lhe permitiu a estranha mancebia!
Jurá-lo-á, senhora, ou ai do sedutor!

MARIA TELES

Irmã que vos perdeis; mentiu-vos sem pudor!

D. LEONOR

Maria!

D. JOÃO LOURENÇO

Que dizeis? São mentiras venais...

MARIA TELES

Juro-vos-lo, por Deus, por alma de meus pais!

Perguntai ao donzel de Leonor de quando

Espreitava a ocasião de seduzir Fernando?

Perguntai a Dinis, Pacheco, à corte inteira,

Se a não vêem, ali, alegre, prazenteira

Em caças e saraus? Senhora já do paço

Humilhava-se a vós! Era o final, o laço!

João Lourenço, sai. Pode chegar El-Rei!

Encontrar-vos, aqui!

D. JOÃO LOURENÇO

Senhora, sairei,

Aniquila o impudor, a manha, a estranha força,

Com que sabe mentir esta real congorça!

D. LEONOR

Não vos tolero o insulto!

(Entra um pajem.)

CENA V

OS MESMOS e o PAJEM

O PAJEM

El-Rei, minha senhora,
Dirige-se para aqui e manda perguntar
Se o podeis receber, se lhe podeis falar!

D. LEONOR

Dizei que sim.

MARIA TELES

Irmão, saí por Deus, saí!
Que vos não veja El-Rei!

D. JOÃO LOURENÇO

O amante vem aí,
E pertence-me a mim abandonar a praça!
É tão vil o mister que chego a achar-lhe graça!
Deixai-me ver o rei que, sem sentir abalos,
Menospreza, sem pejo, a honra dos vassalos.
Que eu quero perguntar a Sua Senhoria
O que é nele maior, o vício ou a cobardia?!

CENA VI

Entram pajens com tochas precedendo El-Rei. — Este vem com Aires Gomes da Silva. Seguem-se D. Dinis, Gil, fidalgos e corte.

D. JOÃO LOURENÇO

Senhor!

D. FERNANDO

Vós, em Lisboa, aqui? A que sois vindo?

D. JOÃO LOURENÇO

Vinha...

MARIA TELES

Vai-se perder!...

D. JOÃO LOURENÇO

Saber se desistindo

De visita maior, me queria acompanhar

Minha mulher, senhor! Cansado de rogar

Tanto silêncio, vim. A vergonha deprime;

A recusa era um meio, o seu silêncio um crime!

Vós o sabeis, senhor!

(Ouve-se sussurro na rua.)

D. FERNANDO

Eu nada sei e vede

Que falais, ante mim, de um modo pouco adrede
A poder-vos ouvir!

D. JOÃO LOURENÇO

A minha vassalagem
Morreu, ao conhecer que o paço é tavolagem,
Onde o rei joga o nome e a honra dos vassalos.
Tendes vícios, senhor, olhai que é bom domá-los!

(Cresce o ruído.)

D. FERNANDO

Calai-vos! e louvai-me a não vulgar bondade
Com que vos tenho ouvido.

D. JOÃO LOURENÇO

A mim? não; à verdade!

D. FERNANDO

Poupai-me a imposição do vosso audaz direito!
A paciência acaba...

D. JOÃO LOURENÇO

Assim como o respeito!

(Entra um pajem.)

CENA VII

Os Mesmos e o PAJEM

(O ruído aproxima-se.)

PAJEM

Senhor, senhor.

D. FERNANDO

Que é?

PAJEM

O povo alvoroçado

O palácio invadiu, corre desenfreado,

Aí p'los corredores a perguntar El-Rei!

(O tropel aumenta. Fidalgos correm ao fundo. Os populares aparecem, armados com chuços, lanças, etc. Na confusão, D. João Lourenço desaparece.)

D. LEONOR

Tua dedicação, irmã, não esquecerei.

GIL

Senhor, tende prudência.

D. FERNANDO

Abro; deixai entrar.